



TENCENDO NÓS ENTRE ADOLESCÊNCIA, SAÚDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

Raquel Cristina Braun da Silva (raquel_criis@hotmail.com)

Helter Luiz da Rosa Oliveira (helter.oliveira@hotmail.com)

Aline Teresinha Walczak (alinewalczak@gmail.com)

Fabiane Ferreira da Silva (fabianeunipampa@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

A adolescência, enquanto uma fase de transição entre a infância e a idade adulta tem sido constituída a partir de discursos e entendimentos das diferentes áreas do saber acerca dessa fase da vida. Ancoradas nos estudos culturais e de gênero, entendemos nesse relato, a adolescência como uma construção produzida na e pela cultura, através das relações entre os indivíduos e a sociedade em que estão inseridos. Dessa forma a adolescência e as formas de vivenciá-la estão intimamente ligadas com os marcadores sociais da diferença, como gênero, raça/etnia, classe, geração e religião, já que os mesmos são constituintes das histórias dos sujeitos (HEILBORN, 2012).

É na adolescência que os discursos acerca da sexualidade e da saúde são intensificados, em diversas instâncias sociais como família, meios de comunicação social e escola. Louro (2019) discute que a escola moderna tem se constituído como local privilegiado para promover o investimento na “produção de uma sexualidade normal” através do que a autora denomina como “pedagogias da sexualidade”, assim a educação sexual foi ganhando espaço nas escolas com o passar dos anos. Entretanto, conforme aponta Ribeiro (2002), muitas escolas passaram a implementar essa discussão no currículo das disciplinas de ciências e biologia, através da abordagem de conteúdos relativos à reprodução humana.

Nesse contexto, a proposta desse relato busca romper com o discurso da educação sexual voltada para os aspectos biológicos e generalizadores acerca da sexualidade adolescente e aproximar-se das práticas de educação para a(s) sexualidade(s), enfatizando uma abordagem ampliada que considera os aspectos históricos, sociais e culturais da construção da sexualidade (FELIPE, 2007). Além disso, possibilita tecer ligações com a saúde enquanto uma possibilidade de produzir vida, considerando a vivência da sexualidade parte integrante dela.

Muitos caminhos podem levar à educação para a sexualidade na escola, buscamos percorrer o caminho da discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, onde direitos reprodutivos dizem respeito à igualdade e à liberdade na esfera da vida reprodutiva e os direitos sexuais, por sua vez, dizem respeito à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade. Enfatizando que reprodução e sexualidade constituem-se enquanto duas esferas separadas, embora diretamente relacionadas (ÁVILA, 2003).

Para isso, realizou-se na cidade de Uruguai/RS, um curso de extensão, vinculado à Universidade Federal do Pampa, intitulado “Nós: Adolescência, saúde e direitos sexuais e reprodutivos”. Para o qual foram convidadas(os) meninas e meninos, com idades entre 15 e 18 anos, que estivessem cursando o ensino médio em duas escolas da rede pública de ensino, desse município. Com intuito de promover atividades de educação para a(s) sexualidade(s) com alunas e alunos inseridas(os) em diferentes realidades socioculturais realizou-se o curso em escolas



situadas em pontos geográficos distintos e distantes entre si. Assim, foram incluídas duas escolas periféricas que atendem um público diferenciado de alunas(os), uma na zona leste e outra na zona oeste.

Composto por quatro encontros em cada escola, o curso buscou discutir com as(os) adolescentes seus entendimentos sobre adolescência, saúde, sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos de forma sistematizada, através de metodologias ativas e lúdicas, como brincadeiras e jogos.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Para dar início as atividades do curso, entramos em contato com as(os) gestoras(es) das escolas elencadas com o intuito de conversar com as(os) mesmas(os) e apresentar a proposta da atividade. As equipes diretivas de ambas escolas, mostraram-se bastante interessadas na proposta e abertas para a realização da mesma. Cedendo o espaço físico para a realização do curso nas dependências da instituição, e possibilitando assim que os encontros fossem realizados no local que a(o) estudante frequenta.

A primeira escola a receber o curso foi aquela situada na zona leste – escola 1, seguida pela escola da zona oeste – escola 2. Seguimos essa sequência, pois a escola 1 já havia recebido outras atividades nessa perspectiva em outras ocasiões e esse fato facilitaria a aproximação e o desenvolvimento do mesmo.

Após o aceite das equipes diretivas das escolas, as(os) estudantes foram convidados de forma verbal para participar do curso. Com auxílio das coordenadoras das escolas, foram visitadas todas as turmas do ensino médio, nessa ocasião se explicou sobre o projeto e realizou-se o convite para as(os) estudantes. Após o convite foi informado às(aos) estudantes que as inscrições daquelas(es) interessadas(os) seriam realizadas no dia seguinte durante intervalo das aulas, e que para garantir um bom andamento das atividades seriam disponibilizadas doze vagas para o curso e mais doze vagas na lista de espera do mesmo.

Para a realização das inscrições das(os) interessadas(os), foi organizada uma mesa identificada com a identidade visual do grupo, as palavras “inscrições aqui” e uma cadeira em um local visível a todas(os) da escola de forma que quando as(os) estudantes saíssem de suas salas já tivessem contato com o local de inscrições.

A reação das(os) estudantes ao verem o cartaz de inscrições foi muito semelhante nas duas escolas, algumas(uns) olhavam em direção a mesa, sorriam e já direcionavam-se para inscrever-se, outras(os) cochichavam com as(os) colegas e não moviam-se até que todas(os) da roda de amigos fossem e outras(os) ainda, não lembravam-se do que se tratava então esperavam alguém conhecido que já havia estado ali para questionar do que se tratava aquilo. Nas duas escolas as vagas para inscrição no curso encerraram-se antes de encerrar o recreio, havendo nomes também na lista de espera.

Outra questão semelhante em ambas escolas foi o baixo interesse e procura pelo curso por parte dos meninos. Na escola 2 nenhum menino buscou informações ou se inscreveu, apenas um se aproximou do local de inscrições, porém para acompanhar sua namorada. Na escola 1 a procura dos meninos pelo curso também foi baixa, apenas um menino inscreveu-se e poucos pediram informações sobre o curso. Quando aproximou-se da data de início do curso contatamos as(os) estudantes inscritos para confirmar a participação, nesse momento algumas(uns)



relataram sua desistência permitindo que pessoas da lista de espera fossem contatadas.

Dessa forma, no curso realizado na escola 1 participaram 7 estudantes, seis meninas e um menino. Na escola 2, por sua vez, participaram 9 estudantes todas meninas. A média de idade das participantes foi de 17 anos, a maioria se autodeclarava preta(o) ou parda, cursava o segundo e o terceiro ano do ensino médio, morava com a mãe e com outras pessoas da família como padrasto e avós, não trabalhava em turno inverso ao da escola, não tinha renda fixa e tinha renda familiar entre um e cinco salários mínimos.

O curso foi realizado em cada escola separadamente, estruturado em quatro encontros semanais com duração de aproximadamente uma hora e meia por encontro. Na escola 1 os encontros aconteciam em turno inverso ao das aulas, de forma que não prejudicasse o andamento das turmas, já na escola 2 foi desenvolvido no mesmo turno em que as(os) alunas(os) estudavam.

Para facilitar o diálogo, visualização e a troca entre as(os) participantes, a sala foi organizada em círculo e a mediadora da atividade sentava-se entre as(os) adolescentes. Todos os encontros foram realizados por três pessoas da equipe, uma para mediar as atividades e duas para auxiliar operacionalmente nas mesmas, além disso tiveram registro de áudio e vídeo, que foi autorizado pelas(os) participantes.

No primeiro encontro foi realizada a apresentação do curso às(aos) participantes, com foco nos significados atribuídos a palavra “nós”. Em seguida, foram entregues crachás, que foram preenchidos individualmente com nome/apelido de cada participante. Após, foi problematizada a concepção de cada participante sobre a adolescência, através da construção de uma nuvem de palavras¹, na qual as(os) participantes deveriam responder com até 3 palavras a pergunta: O que é adolescência?

Através dessa atividade foi possível identificar que responsabilidade foi a palavra mais utilizada em ambas escolas, na escola 1 destaca-se também a palavra liberdade. Já na escola 2 destacaram-se também as palavras ansiedade e depressão. De uma forma geral as(os) participantes de ambos os grupos perceberam que a adolescência é um processo relacionado com as histórias e vivências que cada indivíduo constrói durante essa fase. Assim, foi problematizada a multiplicidade do processo de adolecer e das diferentes vivências relacionadas com a adolescência.

No segundo encontro, utilizou-se como artefato pedagógico algumas(uns) bonecas(os) (FIGURA 01) de tecido com diferentes características, representando diferentes pessoas e identidades – homem, mulher, negro, branco, cadeirante – dispostas(os) em uma caixa. Solicitamos que as(os) participantes, divididas(os) em duplas, escolhessem uma(um) boneca(o) por dupla e criassem uma história para a(o) mesma(o), com foco na história dessa(e) personagem com relação a sua saúde, mas com outras informações adicionais (nome, idade, com quem mora, onde mora, ocupação...). Posteriormente essas(es) bonecas(os) e suas histórias foram apresentados para as(os) demais participantes promovendo uma discussão com grande grupo.

¹ Trata-se de uma metodologia de agrupamento de palavras em uma grande nuvem, dando maior destaque visual para aquelas citadas mais frequentemente.



Figura 01: Bonecas(os) utilizadas(os) no primeiro encontro
Fonte: Autoras, 2020

Foi possível identificar que nas três escolas as(os) participantes pensam a saúde a partir da ausência de doenças, conforme evidenciado na fala da participante abaixo.

“Eu nunca pensei assim, porque geralmente só se fala da saúde pensando em doença. Na minha família é assim pelo menos. A minha mãe fala, Ah mas eu tô bem de saúde o diabetes não atacou, ou coisa assim.” (SUJEITO 1, ESCOLA 2)

Outra discussão relacionada com os diferentes entendimentos sobre a saúde e que refletem a abordagem que esse tema tem na adolescência foi o fato de que na escola 1 foram elaboradas quatro narrativas em relação a saúde das(os) bonecas(os), dessas três envolviam suspeita, diagnóstico ou complicações do HIV/aids, e o desfecho de duas levou o personagem ao óbito.

No terceiro encontro, realizamos o Bingo dos Direitos Sexuais e Reprodutivos, baseado no jogo O Bingo Adolescente criado pela professora Jimena Furlani (2011). Para sua realização as(os) participantes receberam uma cartela de bingo, com alguns números além disso, havia colado na parede um cartão gigante também com números. Porém, na parte de trás de cada número deste cartão gigante, havia um direito sexual e/ou reprodutivo presente na Declaração dos Direitos Sexuais, da Associação Mundial para a Saúde Sexual (2014). Conforme os números foram sendo sorteados, foi exibido o direito referente a esse número no quadro e discutido com as(os) participantes sobre esse direito.

Através dessa atividade foi possível identificar um grande desconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos por parte das(os) adolescentes, nas duas escolas em que essa atividade foi desenvolvida. Embora tratando-se de duas escolas distantes geograficamente e com um corpo docente diferente, as(os) estudantes relataram ter sido a primeira vez que a sexualidade havia sido abordada pela ótica dos direitos.

No quarto encontro e último encontro, visamos abordar todos os temas discutidos anteriormente de forma ampliada e voltada as vivências das(os) participantes. Para isso, realizamos um jogo de tabuleiro gigante, no formato de trilha, confeccionado com folhas de EVA (FIGURA 02). Cada folha era uma casa a ser avançada no jogo e tinha uma pergunta relacionada ao tema “Adolescência, Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos”, entre as perguntas haviam também algumas tarefas para as(os) participantes realizarem, ao todo o jogo contou com 25 casas.



Figura 02: Jogo utilizado no quarto encontro
Fonte: Autoras, 2020

As(os) participantes foram divididas(os) em dois times e deveriam escolher uma pessoa para deslocar-se no tabuleiro. Essa pessoa deveria jogar o dado e andar o número de casas que o mesmo indicasse, e então, ler a pergunta em voz alta e discuti-la entre a equipe, que após entrar em um consenso, ou o mais próximo disso, a respondia ao grande grupo.

Nesse encontro, foi possível aprofundar discussões que permearam os encontros anteriores como o que é o feminismo, relações entre a garantia do direito a saúde com os direitos sexuais e reprodutivos e a importância da discussão ampliada desses temas na escola.

Após concluir o jogo as(os) participantes realizaram a avaliação dos encontros através do preenchimento de um cartão com três itens: 1-Que bom: no qual deveriam escrever as atividades que gostaram de realizar e os pontos positivos da participação no mesmo; 2- Que pena: no qual deveriam escrever os pontos negativos das atividades, algo que eles não gostaram ou acham que poderia ser melhor; 3- Que tal: no qual deveriam dar sugestões para qualificar as atividades. Como encerramento foi realizado um lanche compartilhado com todas(os) as(os) participantes do curso e organizadoras da atividade.

As avaliações foram bastante positivas, tendo como destaque na categoria “Que bom” as dinâmicas utilizadas para problematização dos temas e a escolha dos temas a serem discutidos. Na categoria “Que pena” destacou-se o fato de ter acabado os encontros, demonstrando interesse das(os) participantes em discutir essas questões. E na categoria “Que tal” surgiram sugestões de realização de novos cursos com a mesma temática utilizando as(os) alunas(os) como multiplicadores na escola em que estudam e em outras escolas do município.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A construção dos entendimentos sobre a adolescência se dá a partir de diversos discursos, conforme pontua Quadrado (2006, p. 28):

Esse período de espera, de afastamento das responsabilidades “ditas” de adultos, vai sendo produzido por uma rede de discursos que vão engendrando a adolescência sob diversos aspectos. Um desses discursos é o do campo da biologia, que produz uma abordagem essencialista e determinista, com ênfase nas mudanças corporais, na produção de hormônios e nas diferenças físicas entre meninos e meninas. Nessa



perspectiva, a adolescência seria uma fase da vida biologicamente determinada, vivida de forma homogênea por todas as pessoas, independente da cultura a que pertençam.

Contudo, a adolescência foi representada como um período de aumento de responsabilidades, fato esse que, segundo Ozella e Aguiar (2008), caracteriza a maior mudança ocorrida no final da adolescência, período onde se encontram as(os) participantes do curso, ocorrendo em todas as classes, gêneros, raças e idades, tratando-se assim de um eixo sobre o qual vai se constituindo a concepção de adolescência.

É interessante também refletir sobre as demais palavras pontuadas nos grupos, liberdade no grupo realizado na escola 1 e ansiedade e depressão na escola 2, noções essas que também se relacionam com a responsabilidade já que nessa fase as(os) adolescentes passam a ter um maior poder de decisões sobre si mesmas(os). Isso por sua vez vem acompanhado por angústias e inseguranças ao compreendermos as diferentes representações que o aumento da responsabilidade e as contradições a ela relacionadas tem na vida de cada uma(um) e suas variações de acordo com os marcadores sociais da diferença (OZELLA; AGUIAR, 2008).

Por tratarem-se de adolescentes de classes menos favorecidas, essa noção de responsabilidade parece estar diretamente relacionada com os papéis que elas(es) performam nas suas casas, na escola e na sociedade, como cuidar da limpeza e organização de casa, cuidar e responsabilizar-se por irmãs(ãos) mais novos, inserção no mercado de trabalho e preocupações com sua própria educação e futuro. Nesse sentido, atividades que tratem da adolescência de uma forma mais aberta e horizontal, como as realizadas nesse curso podem ser proveitosas para auxiliar as(os) adolescentes em suas angústias e medos.

Contudo, predomina a utilização de um discurso biologicista ao tratar da adolescência, da saúde e da sexualidade adolescente. Pode-se afirmar que para as(os) adolescentes participantes do curso a saúde é a ausência de doenças, que pode ser mantida através de uma série de atitudes que as pessoas escolhem ter ou não. Reproduzindo noções de saúde bastante antiquadas mas até os dias atuais predominantes nas escolas, já que as práticas de saúde na escola constituíram-se como ferramenta de disciplinarização dos indivíduos e como forma de controle da população (STEPHANOU, 1996).

Ao problematizar a saúde ao longo dos encontros foi possível identificar que as(os) adolescentes automaticamente relacionavam essa discussão com a saúde sexual e reprodutiva, mais diretamente com as infecções sexualmente transmissíveis, visto que é o tema mais enfatizado nessa população. Assim, pensar a saúde de uma forma ampliada e como um direito humano foi um desafio para as(os) adolescentes durante o curso.

Bem como foi um desafio a discussão dos direitos sexuais e reprodutivos, devido ao total desconhecimento por parte das(os) adolescentes desses direitos. A questão central dessa questão pode estar relacionada com a forma que historicamente a sexualidade adolescente é discutida. Segundo Leite (2012) isso se dá através da noção de perigo, na qual as instituições – escola, família, igreja, unidades básicas de saúde – mantêm uma postura de controle repressivo sobre os(as) adolescentes, sem uma efetiva vinculação com a garantia de seus direitos.

Nesse sentido a discussão dos direitos sexuais e reprodutivos com as(os) adolescentes é potente na ampliação do conhecimento dos participantes e também de sua autonomia sexual e reprodutiva. Leite (2012) considera que as(os)



adolescentes precisam ser deslocados da posição de passividade quanto as políticas de garantias de direitos para uma posição ativa e propositora para, dessa forma, atingirem uma posição de sujeitos de direitos. “Seria na construção de um lugar ativo, onde realizassem o seu direito de participação, que os adolescentes poderiam se tornar sujeitos e agentes reguladores de sua própria sexualidade” (LEITE, 2012, p. 101).

Instrumentalizar as(os) adolescentes sobre seus direitos sexuais e reprodutivos possibilitou que situações muitas vezes normalizadas em nossa sociedade fossem entendidas como problemáticas, implicando no reconhecimento dessas situações como assédio, abuso sexual, machismo e homofobia. Campos *et al.* (2017, p. 667) discutem que a grande importância da discussão dos direitos sexuais e reprodutivos na escola se dá por atuar “ampliando a compreensão dos fenômenos e potencializando ações coletivas de luta por direitos, por mais qualidade de vida e pela garantia das condições materiais e imateriais necessárias a uma existência digna”.

Nesse contexto emerge outra discussão potente no curso, a discussão sobre o feminismo, Ávila (2003) e Heilborn (2012) apontam para a relação direta entre a luta do movimento feminista e a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, que entre outras questões contesta a percepção de que sexo, sexualidade, gênero e reprodução enquanto fenômenos privados. Assim os feminismos se fizeram presentes nas discussões e problematizações durante o curso, principalmente discutindo o direito ao aborto. Foi possível desconstruir alguns entendimentos equivocados sobre o movimento e facilitar o entendimento de suas pautas, sendo essa uma estratégia potente para abordar os feminismos e evidenciar sua importância na vida das mulheres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto procurou relatar as experiências obtidas através de um curso de extensão intitulado Nós: Adolescência, saúde e direitos sexuais e reprodutivos, que buscava conhecer, discutir e ampliar os conhecimentos das(os) participantes sobre esses temas e também subverter a lógica com a qual esses assuntos são tratados no espaço da escola.

Através desse curso foi possível identificar que a adolescência é uma fase marcada pelo aumento da responsabilidade trazendo consigo sentimentos positivos e negativos. Longe de ser uma fase vivida da mesma forma por todas as pessoas na mesma faixa etária, a adolescência tem representações diferentes para cada sujeito de acordo com as suas vivências e experiências. Compreender essa multiplicidade favorece a pensar estratégias de diálogo transversal e próximo a realidade das(os) adolescentes.

Além disso, foi possível perceber que as(os) participantes apresentam entendimentos de saúde, reforçados pelas estratégias pedagógicas tradicionais sobre o tema e baseados em concepções sobre doenças. Assim, a saúde assume um caráter comportamental e de responsabilidade individual, isolada de outras questões da vida, como a sexualidade, não se apresentando como um direito.

Essa realidade também ocorreu com os direitos sexuais e reprodutivos, que eram desconhecidos das(os) participantes, fato que aumenta a vulnerabilidade das(os) adolescentes em relação a violação dos mesmos. Tais achados demonstram que a sexualidade adolescente é discutida apenas pela ótica da



prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e não explorando suas outras dimensões.

Nesse sentido, as atividades do curso foram potentes para problematizar os (des)conhecimentos já estabelecidos e (re)construir novos saberes, em direção a abordagens menos prescritivas e que valorizassem as vivências das(os) adolescentes.

5. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL PARA SAÚDE SEXUAL (WAS). **Declaração dos direitos sexuais**. Praga, 2014.

ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 2, p. 465-469, 2003.

CAMPOS, Helena Maria et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, v. 41, p. 658-669, 2017.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

FURLANI, Jimena. Educação sexual para a adolescência – Anos finais do ensino fundamental e ensino médio. In: FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2011, p. 139-166.

HEILBORN, Maria Luiza. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 57-68, 2012.

LEITE, Vanessa. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 89-103, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 07-42

OZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes: Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2002. Tese (Doutorado em ciências biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

STEPHANOU, Maria. Formar o Cidadão Física e Moralmente: Médicos, Mestres e Crianças na Escola Elementar. **Educação, Subjetividade e Poder**, v. 3, n. 3, p. 59-66, 1996.